

APRESENTAÇÃO

A paciência do intelectual. Apresentação de *Resignação*, de Theodor W. Adorno, traduzido por Felipe Catalani

Felipe Catalani

felipecatalani@gmail.com

(Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil)

Ironia do destino: nas anotações da aula que Adorno daria no dia 17 de abril de 1969, a famosa aula que foi interrompida por um grupo de estudantes e que faria com que o curso sobre “Introdução ao pensamento dialético” fosse temporariamente suspenso, lê-se que parte da aula seria dedicada ao problema da relação entre teoria e práxis, e no final das anotações ele escreve: “*Evt. Resignation vorlesen. [Eventualmente, ler ‘Resignação’]*” (Adorno, 1992). O debate sobre o problema da práxis, do ativismo e dos acontecimentos de 1968 e as posições de Adorno¹ geralmente parte, mais ou menos, de textos como esse aqui introduzido, o “Notas marginais sobre teoria e práxis”² (Adorno, 1995a), a troca de cartas entre Adorno e Marcuse (Adorno, 1997), a entrevista a *Der Spiegel* de 1969 (“Keine Angst vor dem Elfenbeinturm”) (Adorno, 1986), uma outra entrevista intitulada “Kritische Theorie und Protestbewegung” (Adorno, 1986) e alguns textos de intervenção³ do período em que Adorno se posiciona contra as leis de emergência. Não são raras as vezes em que o debate se transforma em um julgamento moral das posturas de Adorno enquanto indivíduo, dividido entre os acusadores, que o censuram pelo desengajamento e pela falta de coragem (e a respectiva *resignação* diante dos acontecimentos urgentes da vida política), e, do lado da defesa de Adorno, aqueles que criticam o voluntarismo da práxis cega, o ativismo automatizado que mimetiza os homens práticos do mundo burguês, o falso imediatismo e defendem a dimensão prático-política da crítica teórica autônoma e da compreensão radical da realidade. Não há como negar que a controvérsia entre marcuseanos⁴ (ou brechtianos) e adornianos já está um tanto

1 Algumas referências dessa discussão no contexto acadêmico brasileiro se encontram em Fleck, 2017, e Maar, 2011.

2 Publicado no volume *Stichworte*.

3 Publicados em “Fora da torre de marfim: três textos de intervenção de Theodor W. Adorno”. *Revista Cult*, agosto de 2016. O sexto volume das *Frankfurter Adorno Blätter*, organizadas pelo Arquivo Adorno juntamente com Rolf Tiedemann, traz a público também uma série de materiais a esse respeito (Adorno, 1992).

4 A figura de Marcuse, na época elevada a símbolo da nova esquerda, também tem vários lados. Pasolini,

desgastada, e que o ensaio aqui traduzido, que já está com praticamente 50 anos de idade, entra em um debate que já foi bastante revirado - mas que sempre retorna.

Como introdução à leitura do ensaio *Resignação*, gostaria de, nessa breve nota, ressaltar um ponto que aparece como sinal histórico na própria *postura* de Adorno enquanto intelectual, mais especificamente, como teórico crítico cujo pensamento é guiado pelo horizonte emancipatório. Talvez não seja suficiente dizer que para Adorno a “saída” estava bloqueada - o que de fato era a sua posição, pois seu entendimento de emancipação estava ligado a um conceito forte de liberdade e não a uma política em meio a um horizonte reduzido - mas há algo nesse ensaio (que não deixa de ser uma *crítica* da resignação, mais especificamente, uma crítica do conformismo ativista), de crítica do *desespero*: e é justamente esse ponto que, creio eu, dá a impressão de que esse texto pertence a uma outra época, mas que, por outro lado, aponta para a nossa.

“Encarcerados querem desesperadamente sair” (Adorno, 1977). O apelo à teoria e ao pensamento, aqui, não deixam de ser um apelo à *espera*. A era inaugurada pelo fim da Segunda Guerra Mundial, pós-Auschwitz e pós-Hiroshima, é marcada simultaneamente pela prosperidade econômica do *welfare state* nos países centrais capitalistas (equilibrado pelo mundo polarizado da Guerra Fria) e ao mesmo tempo pelo fim da ideia de que poderia ocorrer uma revolução na Europa.⁵ Esse mundo ao mesmo tempo enrijecido e estabilizado, ao qual Adorno visava fazer resistência, era ao mesmo tempo um mundo “bloqueado” para a transformação social radical e para a efetivação da liberdade (fundamento de toda *esperança* - e apesar do pessimismo, a obra tardia de Adorno está encharcada de utopia blochiana), mas ao mesmo tempo um mundo em que (ao menos segundo Adorno) havia lugar para a *calma* e para a *demora* do pensamento, que deveria se opor à falsidade do pânico da prática. Ou seja, é de uma relação entre pensamento e experiência temporal que se trata aqui. O fim desse mundo, inaugurado pela crise dos anos 1970 (que se desenvolve como financeirização da economia), pelo progressivo desmonte do estado de bem-estar social e marcado pela “era da emergência” (uma temporalidade da *fuga*), Adorno não viu.

por exemplo, se irritou com uma entrevista de jornal e escreveu o texto “Também Marcuse um adulador?”, criticando a apologia dos estudantes, e dizendo que “a meta dos estudantes não é mais a Revolução, mas sim a Guerra Civil. Mas repito, a Guerra Civil é uma guerra santa que a burguesia combate contra si mesma”. Mas admite: “Examinando o Marcuse... manipulado pela entrevista, não o verdadeiro” (Pasolini, 2017). O próprio Marcuse, quando estava dando uma palestra em Roma, teve seus problemas: Cohn-Bendit, o líder estudantil que depois se tornou deputado pelo Partido Verde, armou uma cena e começou a atirá-lo durante a palestra: “Marcuse, por que você veio para o teatro da burguesia?” “Herbert, por que a CIA te dá dinheiro?” (Cf. Chaplin, 2018).

5 Na *Dialética Negativa*, de 1966, Adorno escreve que a impossibilidade de se fazer justiça em relação aos nazistas se deve ao fato de, “na Alemanha, a revolução contra os fascistas ter fracassado ou, muito mais, o fato de não ter havido em 1944 nenhum movimento revolucionário de massas” (Adorno, 2009).

Em 1970, após a morte de Adorno, o jornalista Jörg Drews intitula sua resenha sobre o último volume de ensaios publicado (*Stichworte*⁶) justamente: “Dar tempo ao pensamento”. E nessa resenha, ele comenta que “a leitura do livro é deprimente, pois temos o sentimento de que faz muito tempo que o autor escreveu esses textos” (Drews, 1970). Podemos dizer que pressuposto do ensaio *Resignação* (e talvez da obra tardia de Adorno como um todo) é a *paciência como virtude* (enquanto Günther Anders, seu contemporâneo que virou Bloch de ponta-cabeça, dizia justamente o contrário, que a paciência havia deixado de ser uma virtude, e que agora a espera, uma vez esvaziada de conteúdo, passava a ser realisticamente representada por “Esperando Godot” [Anders, 2010]). No ensaio *Observações sobre o pensamento filosófico*, presente no volume *Stichworte*, Adorno faz apelo à *concentração*, à “paciência, virtude do pensamento” e ao “olhar demorado sobre o objeto” (Adorno, 1995). Na calma do pensamento há uma experiência de *felicidade*, mas essa felicidade não é o gozo ensimesmado, fruto de exercícios⁷ intelectuais: ela é alimentada pela esperança da liberdade, da felicidade universal. “Quem pensa não se enfurece na crítica: o pensamento sublimou a fúria. (...) A felicidade que surge em seus olhos é a felicidade da humanidade” (Adorno, 1977). Sem esse horizonte, não haveria sentido para a *espera*, fundamento da paciência na teoria. O estranhamento com isso revela também o que foi desistido.

Referências

- Adorno, T. W. (1977). “Resignation”. In: *Kulturkritik und Gesellschaft II*. Suhrkamp: Frankfurt am Main.
- _____. (1986). “Keine Angst von dem Elfenbeinturm”. In: *Gesammelte Schriften*. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag.
- _____. (1986a). “Kritische Theorie und Protestbewegung”. In: *Gesammelte Schriften*. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag.
- _____. (1992). *Frankfurter Adorno Blätter VI*. Göttingen: Edition Text + Kritik.
- _____. (1995). “Observações sobre o pensamento filosófico”. In: *Palavras e sinais: modelos críticos*. Petrópolis: Vozes.
- _____. (1995a). “Notas marginais sobre teoria e práxis”. In: *Palavras e sinais: modelos críticos*. Petrópolis: Vozes.
- _____. (1997). Correspondência Marcuse-Adorno: As últimas cartas. *Praga*, 3, pp. 7-17.
- _____. (2009). *Dialética Negativa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

⁶ Posteriormente, o ensaio “Resignação” passa a ser publicado pela editora Suhrkamp como anexo desse livro.

⁷ Habermas, em *Teoria do agir comunicativo*, diz que a *Dialética Negativa* não seria outra coisa senão um “exercício”. (Cf. Habermas, 2014).

- _____. (2016). “Fora da torre de marfim: três textos de intervenção de Theodor W. Adorno”. *Revista Cult*, agosto de 2016.
- Anders, G. (2010). *Die Antiquiertheit des Menschen I*. München: Beck.
- Chaplin, T. (org.). (2018). *The Global 1960s: convention, contest, and counterculture*. New York: Routledge.
- Drews, J. (1970). Zeit lassen zum Denken: die letzte Sammlung mit Aufsätzen Theodor W. Adornos. *Die Zeit*. Recuperado de: <http://www.zeit.de/1970/04/zeit-lassen-zum-denken> Acesso: 24/04/2018.
- Fleck, A. (2017). Resignação? Práxis e política na teoria crítica tardia de Theodor W. Adorno. *Revista Kriterion*, Belo Horizonte, 138, Setembro/Dezembro 2017, pp. 467-490.
- Habermas, J. (2014). *Theorie des kommunikativen Handelns*. Suhrkamp: Frankfurt am Main.
- Maar, W. (2011). Política, Práxis e Pseudo-Atividade em Adorno. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, 11(1), pp. 225-244.
- Pasolini, P. P. (2017). Também Marcuse um adúlador?. *Revista Campo Aberto*, Novembro de 2017, 1(2).